

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

PENELOPE
WARD

o anti-
NAMORADO

Envolver-me com ele tinha tudo para correr mal...

TOP
SEL
LER

Carys

Bolas de Macaco

O som era de uma cama a ranger, mas podia ser de unhas a arrastarem-se por um quadro. O meu vizinho, o Deacon, nem sempre tinha mulheres em casa, mas, quando tinha, fazia-se *mesmo* notar. Ora ficavam por cima, ora por baixo dele.

Esta noite, o barulho estava pior do que nunca e parecia intensificar-se sempre que eu estava prestes a adormecer. Uma vez acordada, demorava uma eternidade a voltar a adormecer. Dizem que as mães *devem dormir quando os bebés dormem*, mas isso não é possível quando o apartamento ao lado mais parece uma suite do programa *The Bachelor*.

O quarto da minha filha, a Sunny, fica na outra ponta do nosso apartamento, por isso, felizmente, o barulho que vinha do 5.º B não a acordou. Mas o meu quarto está precisamente colado à parede do quarto do Deacon. Ouvi a cama a mexer-se e todos os sons de prazer eram cada vez mais nítidos. Todos os gemidos, arquejos e guinchos torturantes. Para piorar, consegui sentir as vibrações mesmo atrás da minha cabeceira. Infelizmente, isto era o mais próximo que tinha de sexo em mais de um ano.

Seria de esperar que eu tivesse a coragem de bater com a mão na parede ou algo do género, mas senti que não tinha o direito de interromper. Afinal de contas, ele era um homem solteiro que estava

a gozar a vida no seu próprio apartamento. Estava no seu direito de fazer sexo. Ele não tinha culpa de as paredes serem finas.

Tudo teria sido mais simples se ele fosse rápido. Mas ele tinha uma genica incrível! Parecia o coelhinho *Duracell* das quecas.

E já mencionei que o Deacon é uma brasa? Só o tinha visto algumas vezes de passagem, mas era difícil desviar o olhar do seu rosto esculpido com a barba perfeitamente distribuída pelo queixo e do seu maxilar definido. O facto de o ter visto não tornava esta situação mais fácil. Sim, eu estava irritada, mas bastava-me imaginar o que estava a acontecer do outro lado da parede para tudo se tornar mais fácil. A imagem em si era suficiente para me manter desperta.

E esta era a patética situação em que me encontrava.

A dado momento, como de costume, a cena chegou ao fim. As batidas da cama e os sons do sexo transformaram-se em gargalhadas abafadas, seguidas de uma conversa.

Enquanto tentava voltar a adormecer, jurei que, da próxima vez que me cruzasse com o Deacon no corredor, o chamaria educadamente à atenção para esta situação. Certamente ele não tinha forma de saber que as nossas camas ficavam ao lado uma da outra, visto que nunca tinha estado no meu apartamento. Seria uma conversa desconfortável, mas necessária. Eu precisava de dormir. Não estava a trabalhar de momento, mas tomar conta de uma filha de seis meses era um trabalho a tempo inteiro.

A Sunny era o belo resultado de uma breve relação com o meu antigo chefe, que acabou por voltar para a ex-mulher antes de saber que eu estava grávida. Quando ficou a saber, afirmou que não queria ter nada que ver comigo nem com a bebé, por isso eu estava a criá-la praticamente sem ajuda, além do pouco dinheiro que ele me mandava quando bem lhe apetecia. Devo salientar que ele e a mulher estavam legalmente divorciados há mais de um ano quando eu o conheci.

Sempre disse que voltaria ao trabalho quando a Sunny fizesse seis meses, mas ela tinha acabado de os completar e eu ainda não

estava a trabalhar. Todos os dias sentia falta de sair de casa e de socializar e estava ansiosa por voltar ao trabalho, pelo menos a tempo parcial. No entanto, as creches acarretam mais custos do que eu julgara. Já para não dizer que não estava totalmente preparada para deixar a Sunny. Era uma decisão complicada, porque estava a perder o juízo aos poucos por não interagir com adultos. Deixar a Sunny para voltar ao trabalho faria de mim uma má mãe?

Esse era o tipo de pergunta que me dava insónias à noite. Isto é, quando não era o garanhão do meu vizinho que me impedia de dormir.



No dia seguinte, a Sunny fez a sua habitual sesta da tarde, o que normalmente me dava cerca de uma hora e meia, talvez até três horas em ocasiões raras. Esse tempo era o meu único prazer secreto. Tempo para *mim*. Quando ela adormecia, eu preparava o meu almoço enquanto via a novela *The Young and the Restless* com o som baixo. Não estava assim tão interessada na novela, mas lembrava-me da minha infância e dos dias em que faltava às aulas porque estava doente e a minha avó tomava conta de mim.

Ficava sempre nervosa quando deixava a minha filha sozinha a dormir, nem que fosse por um minuto enquanto ia ver a caixa de correio. Por isso, depois de acabar de almoçar, descia as escadas a correr e abria a caixa de correio o mais rápido possível antes de voltar a correr para cima. Demorava provavelmente menos de um minuto e levava sempre o intercomunicador na mão.

Mas hoje, quando estava a chegar à minha porta, o Deacon estava a sair de casa.

— Olá, Carys-Como-em-Paris. Como estás? — Esboçou um sorriso de orelha a orelha.

Quando as pessoas me perguntam o meu nome, por algum motivo parvo, às vezes respondo: «Carys, como em Paris», sobretudo quando estou nervosa. Foi isso que aconteceu quando conheci o Deacon.

O meu corpo ficou em estado de alerta quando senti o seu cheiro maravilhoso. Ele estava lindo, como sempre. Hoje usava um casaco de camurça bege com uma gola de pelo. Os seus olhos azuis, que se destacavam na pele bronzeada, brilhavam sob as luzes fluorescentes, que também evidenciavam o tom acobreado do seu cabelo naturalmente castanho de comprimento médio. Ele tinha pelo menos um metro e oitenta e sete e era um gigante ao lado do meu metro e sessenta.

Era a minha oportunidade de falar sobre a noite anterior. Mas agora que ele estava à minha frente, com a sua figura imponente e com o seu odor a permear o ar, eu parecia ter ficado sem palavras. Todavia, estava determinada a falar de uma vez por todas.

O meu ritmo cardíaco acelerou. *Aqui vai.* Ainda ofegante da corrida nas escadas, disse:

— Para ser sincera, respondendo à tua pergunta... adorava dizer que estou ótima, mas tive dificuldades em adormecer ontem à noite. Por isso, já estive melhor.

Ele franziu o sobrolho.

— Lamento saber disso.

— Por acaso, a culpa até é tua.

O Deacon franziu a testa.

— Minha?

— Sim. Não sei se tens noção, mas a cabeceira da tua cama está encostada à minha, do outro lado da parede. As tuas... *interações...* de ontem à noite acordaram-me e depois tive dificuldade em voltar a adormecer.

Bum.

Pronto.

Já disse.

Por instantes, o Deacon fechou os olhos.

— Merda. Desculpa. Não sabia que estavas mesmo atrás de mim.

— Pois. Basicamente estou... ali mesmo.

— Foi uma falta de consideração da minha parte. Devia ter-te convidado para te juntares a nós.

O quê? Senti o sangue a subir-me à cabeça.

Ele ergueu as mãos.

— Estou a gozar. Quando me sinto constrangido, saem-me piadas de mau gosto.

Prendi uma madeixa de cabelo atrás da orelha e optei por ignorar o comentário dele.

— Eu sei que estás a gozar.

— Completamente — respondeu ele com um sorriso. — Mas vou tentar ter mais cuidado agora que sei que consegues ouvir tudo. Devias ter dito alguma coisa.

Inclinei a cabeça.

— E como? Entrando de rompante num quarto com duas pessoas nuas? É por isso que estou a falar contigo agora.

— Bem visto. Mas ontem à noite não foi a primeira vez que ouviste coisas, pois não?

Baixei o olhar para os pés.

— Não, não foi.

— Podias ter batido na parede ou algo do género.

— Não sou indelicada a ponto de interromper... momentos íntimos. Só queria que estivesse ciente da situação. Não precisamos de continuar a falar sobre isto.

— Talvez devêssemos arranjar um código.

— Como assim?

— Por exemplo, se eu estiver a incomodar-te, pões uma canção em altos berros para me mandares uma mensagem. — Ele estalou os dedos. — Uma canção irónica, como a *The Sounds of Silence*, dos Simon and Garfunkel.

— Não posso pôr uma canção em altos berros quando tenho uma bebé a dormir.

O sorriso dele desvaneceu-se.

— Estás a ver? Só para teres uma ideia de como sou despistado. Despistado e arrependido, Carys. A sério. Vou tentar que não volte a acontecer.

— Espero que não, engatão! — gritou uma voz de detrás da porta de um dos apartamentos.

Eu e o Deacon virámo-nos ao mesmo tempo. Reparei que a porta da Sra. Winsbanger se abriu na outra ponta do corredor. A velhota devia ter estado a escutar a conversa. Ela vivia sozinha e eu muitas vezes dava com ela a espreitar pela porta para espiar as pessoas.

O Deacon sorriu.

— A Sra. Winsbanger adora-me.

— Pelos vistos, não sou a única que ouviu coisas ontem à noite — disse-lhe eu.

O rosto dele enrubesceu. O seu embaraço era um pouco surpreendente. Estava a contar que ele fosse mais convencido.

— Vou colocar a minha cama na outra ponta do quarto. Isso deve ajudar.

— É uma boa ideia, se não for um incómodo.

— Não é.

Satisfeita por ter terminado a conversa, deixei escapar um longo suspiro.

— Pronto, vai lá à tua vida.

Ele não se mexeu e parecia estar a estudar-me o rosto.

— Estás bem?

— Sim. Porquê?

— Parece exausta.

Bem, sim. Não dormi bem, estou a tentar despachar os recados na única hora do dia que tenho livre e acabei de ter a conversa mais constrangedora de SEMPRE.

— Eu sou assim... é a minha vida. Tenho pouco mais de uma hora para almoçar e ter algum sossego antes de a minha filha acordar da sesta.

— Ah. — Ele coçou o queixo. — Que idade tem ela?

— Seis meses.

O Deacon sabia que eu era mãe solteira. Ele cruzou-se comigo um dia e ajudou-me a trazer as compras enquanto eu empurrava o carrinho da Sunny com uma mão e segurava nela com a outra.

Eu estava prestes a regressar ao meu apartamento quando a voz dele me deteve.

— Precisas de alguma coisa?

Não percebi bem o que ele queria dizer.

— Como assim?

— De alguma coisa do supermercado? Um café... talvez? Vou sair para tratar de uns recados, mas posso parar em algum lado quando voltar.

— É o mínimo que podes fazer, bolas de macaco! — disse a Sra. Winsbanger da outra ponta do corredor.

Pelos vistos, ela continuava a ouvir a nossa conversa.

— Ela acabou de me chamar *bolas de macaco*? — sussurrou ele.

Nesse preciso momento, desatei-me a rir. Ri-me descontroladamente e demorei quase um minuto até conseguir falar. O Deacon também se riu, mas acho que se estava a rir mais da minha reação.

— Não faço a mínima ideia porque é que ela acabou de te chamar bolas de macaco. Mas há semanas que não me ria assim.

Depois de finalmente me acalmar, o Deacon repetiu a pergunta anterior.

— Como estava a dizer, posso trazer-te café ou algo do género?

Calei-me ao ouvir a oferta dele. Era raro alguém me perguntar se precisava de alguma coisa. Tinha alguns bons amigos na cidade, mas eles trabalhavam e tinham vidas sociais agitadas. Não tinham propriamente tempo para ir comprar-me um café a meio do dia. E uma vez que já era outono em Nova Iorque, o tempo começava a arrefecer. Eu tinha de ter um bom motivo para levar a Sunny para o frio.

Para ser sincera, estava ansiosa por beber um *latte* do Starbucks. Uma ida ao café era uma das coisas que as pessoas que não têm bebês tomam por garantido. Mas não era suficientemente importante para ter de agasalhar a Sunny.

— Adorava beber um *latte* de baunilha do Starbucks, caso passes por algum quando voltares para casa — disse eu, por fim.

— Combinado — respondeu ele com um sorriso. — Só isso?

— Basta-me um *latte* de baunilha.

— Um *latte*. Já percebi. Mais alguma coisa?

— Não chega? Não é propriamente uma necessidade. Não devia estar a aproveitar-me.

— Aproveita-te de mim à vontade. Precisas de mais alguma coisa? A sério. É o mínimo que posso fazer depois de ter perturbado o teu sono ontem à noite.

Aproveita-te de mim à vontade. Pronto. Olá, pensamentos pecaminosos.

— Não és meu criado.

— Carys... — A sua voz de barítono tornou-se séria e ele repetiu num tom lento e exagerado: — Do. Que. É. Que. Precisas? Posso ir ao supermercado.

Havia mais *uma* coisa de que eu precisava desesperadamente.

— Fraldas? — disse eu, hesitante.

— Está bem — respondeu ele, soltando uma gargalhada. — Mas vais ter de me ajudar com as fraldas. Nunca comprei nenhuma na minha vida.

Antes que eu pudesse indicar-lhe o tamanho, ele entregou-me o telemóvel. De repente, fiquei bastante consciente do breve toque da sua mão.

— Marca o teu número. Vou enviar-te uma mensagem quando estiver no supermercado para ter a certeza de que compro as fraldas certas.

Fiz o que ele mandou e depois devolvi-lhe o telemóvel, desfrutando novamente desse breve contacto. Nos tempos que corriam só me podia contentar com isto.

Ele guardou o telemóvel no bolso.

— Mais alguma coisa?

— Que me lembre, não.

— Pronto, está bem. Se te lembrares de mais alguma coisa, podes avisar-me quando te enviar uma mensagem.

— Obrigada. Agradeço-te muito.

— Falamos daqui a pouco — disse ele, e depois avançou pelo corredor fora.

Fiquei junto à porta a vê-lo afastar-se. Ele era tão bonito de costas quanto de frente. Além disso, também parecia que o Deacon era tão bonito por dentro como por fora.

— Uma bebida, uma ova! — ouvi a Sra. Winsbanger dizer antes de bater com a porta.



Cerca de meia hora depois recebi uma mensagem.

Deacon: Pronto. Já estou no corredor das fraldas. Há aqui muita escolha.

Esbocei um sorriso enquanto escrevia. *Abençoado seja.* A imagem do meu vizinho jeitoso no corredor das fraldas sem saber para onde se virar era tão adorável quanto engraçada. Alguma mãe iria ter um ataque cardíaco quando fosse procurar sacos para as fraldas sujas e desse de caras com ele.

Carys: Podem ser umas fraldas quaisquer de tamanho 2.

Deacon: Huggies ou Luvs?

Carys: O que for mais barato.

Deacon: Qual é que ela prefere?

Carys: LOL. Bem, nunca falámos sobre isso. Ela não consegue dizer-me.

Deacon: Ah. Pois.

Carys: Mas a mãe prefere a que for mais barata.

Deacon: De qual gostas mais?

Carys: Nunca comparei diferentes marcas. Qualquer uma serve perfeitamente.

Ele não me respondeu, por isso assumi que lá tinha escolhido. Mas depois recebi outra mensagem.

Deacon: Oh... uma reviravolta!

Soltei uma gargalhada.

Carys: O que foi?

Deacon: Também há da marca Pampers.

Carys: Escolhe uma e pronto. LOL

Deacon: Algumas mulheres vieram em meu auxílio. Acham que preciso de ajuda.

Claro que sim. Aposto que estão preocupadas com as fraldas. Precisava de escolher uma marca para acabar com o sofrimento dele.

Carys: Pode ser Luvs.

Deacon: OK. Já peguei nelas.

Carys: Obrigada.

Deacon: Precisas de mais alguma coisa, já que estou aqui?

Precisava de uns tampões e de desodorizante, mas não tinha coragem de lhe pedir.

Carys: Não, obrigada. É só isso.

Alguns segundos depois, recebi outra mensagem.

Deacon: O que é um Chichi-Péu?

Valha-me Deus. Ele precisa de sair do corredor dos artigos para bebês. Desatei a rir-me enquanto respondia.

Carys: É um chapéu para a tua pilinha.

Deacon: É um chapéu para a MINHA pilinha? Estás a sugerir que preciso de um depois da noite passada?

Não podia acreditar que ele estava a falar desse assunto outra vez. E também não podia acreditar no quanto me ria neste momento. Ri-me mais hoje do que em anos. Só esperava não acordar a Sunny.

Carys: É para que os bebés não façam chichi para cima das pessoas.

Deacon: Ah. Então dispenso. Há algum tempo que não faço chichi para cima de ninguém. ;-)

Cum caraças. Que rumo estava esta conversa a tomar?

Carys: Estou a abanar a cabeça em desaprovação.

Deacon: Também parece que não têm o meu tamanho.

Oh, meu Deus.

Deacon: Pronto. Agora vou-me mesmo embora!

E agora eu estava a ferver.



Quando o Deacon regressou meia hora depois, a Sunny continuava a dormir.

Ele entregou-me um saco com as fraldas. Também trazia um tabuleiro de cartão com dois cafés. Pegou no meu café.

— Trouxe-te um *venti*. Não sabia se era demasiado grande.

— Café nunca é demais. — Sorri e aceitei o copo. — Obrigada.

Fui buscar a mala e tirei a carteira, mas ele levantou a mão.

— Nem pensar. É tudo por minha conta.

— Não te posso deixar pagar.

— Considera isto como o meu pedido de desculpas por te ter acordado ontem à noite.

— Pelo menos tenho de pagar as fraldas.

— Não, não tens.

— A sério, não posso...

— Sim, podes. Não vou aceitar. Por isso volta a guardar a carteira. Nunca tive jeito para aceitar esmolas, mas acabei por ceder.

— Bem, obrigada.

Bebi o primeiro gole do *latte* quente e espumoso e fechei os olhos. Gemi, talvez um pouco alto demais.

— Parece que acabaste de sair do meu quarto ontem à noite — respondeu ele, soltando uma gargalhada.

Quase cuspi o café. Também devo ter ficado vermelha, porque ele acrescentou:

— Fui longe demais?

— Por acaso, não. Agradeço que tentes aligeirar a conversa e não me acuses de ser uma vizinha chata. — Bebi outro gole de café. — Isto é tão bom. Já há algum tempo que não bebia um café destes.

— Sempre que quiseses um, e se não puderes sair de casa, basta dizeres-me. Eu dou um salto ao café. Fica mesmo ao fundo da rua.

Por muito tentador que fosse, tão cedo não iria pedir ao Deacon que me comprasse café. Se havia uma coisa que eu detestava era dar a imagem de desesperada.

Semicerrei os olhos.

— Porque é que tens de ser tão simpático? Assim é difícil ficar chateada contigo.

— Não sabia que estar chateada comigo era um objetivo teu. — Ele sorriu e olhou em redor. — A tua filha continua a dormir?

— Sim. Já está a dormir há umas horas, mais do que o costume, se bem que às vezes dorme três horas. Estou a adorar. É raro ter uma pausa tão longa.

— É melhor não voltar a dizer *bolas de macaco*, senão começas a rir-te e ainda a acordas.

E agora eu estava outra vez a rir-me. Tapei a boca com a mão para abafar o som.

— Oh, meu Deus, isso teve tanta graça.

— Já te disse que a Sra. Winsbanger me *adora*? — perguntou ele. — Ela também me olha de lado.

— Alguma vez chegaste a *vê-la*? Normalmente só reparo que a porta dela está aberta quando ela se põe a espiar as pessoas no corredor. Acho que só a vi uma vez ou duas.

— Uma vez tentei ajudá-la a carregar uns sacos, mas ela recusou a minha ajuda e fez cara de má. Deve ter pensado que eu estava a tentar roubá-la. Só queria ajudar. — Ele pegou no telemóvel. — Deixa-me pesquisar.

— Pesquisar o quê?

— Bolas de macaco. Talvez esteja a escapar-me alguma coisa. — Ele fez a pesquisa no telemóvel e começou a ler os resultados. — Segundo esta página, *bolas de macaco* é uma expressão para uma irritação cutânea que obriga os homens a caminharem como macacos. — Ergueu o olhar do telemóvel. — Cum caraças. Não parece muito agradável. — Voltou a fixar o olhar no ecrã. — Oh! Olha para isto. *Bolas de macaco* também designa um fruto não comestível utilizado para o controlo de pragas, mais propriamente para afastar as aranhas.

— Aprende-se algo novo todos os dias. — Ri-me baixinho.

— Graças à Sra. Winsbanger. — Ele revirou os olhos e pousou o telemóvel.

Já me doíam as bochechas. Tê-lo aqui fez-me perceber de que sentia uma falta imensa de interagir com adultos.

Ele retirou a bebida do tabuleiro e eu reparei numa tatuagem no seu pulso esquerdo, visível por baixo da manga. Questionei-me sobre qual seria a extensão daquela tatuagem. Parte dela era composta por uma palavra, mas eu só conseguia ver as letras «hie» no fim. Seria um nome? *Ruthie*? Não fazia ideia.

Ele tinha umas mãos enormes e bonitas, com veias salientes e pele grossa. Dedos compridos. O Deacon era o epítome da masculinidade. Obriguei-me a desviar o olhar do corpo dele e concentrei a minha atenção no que estava escrito na parte lateral do copo que ele segurava. Ele parecia ter pedido um expresso triplo, sem leite. Uma bebida forte para um homem forte.

O Deacon reparou que eu estava a olhar para o copo dele.

— Eles enganaram-se no meu apelido. Escreveram *Beekman*. Que raio de apelido é *Beekman*?

— O apelido do meu pai — disse eu, obrigando-me a manter uma expressão séria.

— Estás a falar a sério?

Aguntei a minha expressão estoica e abanei a cabeça.

— Não.

— Ah... a Carys fez uma piada. Se calhar ela é mais do que apenas a minha vizinha pudica.

— Ei! — respondi, soltando uma gargalhada.

— Sabes que estou a brincar. — Ele piscou-me o olho.

— Estou habituada a que se enganem no meu nome. Normalmente, escrevem Paris no meu copo, apesar de eu pronunciar o C de forma clara.

— É verdade, Carys-Como-em-Paris.

— Às vezes escrevem Karen. — Encolhi os ombros. — Está sempre a acontecer.

Ele manteve o olhar pregado no meu.

— Carys é um nome invulgar. Gosto bastante.

Havia qualquer coisa na forma como este homem olhava para mim quando falava. Ele dedicava-me toda a sua atenção. Os seus olhos eram como dois faróis enormes focados em mim que apagavam o resto do mundo.

Senti as faces a arder e disse:

— Obrigada. É galês.

— És galesa?

— A minha mãe tem ascendência galesa.

— É um lindo nome.

Senti um arrepio a percorrer-me a espinha como se ele tivesse elogiado algo muito mais entusiasmante do que o meu nome.

Os meus sentidos estavam completamente despertos, graças ao cheiro fantástico do Deacon e ao aroma delicioso do expresso. Dois dos meus odores favoritos juntos. Mas o meu corpo estava hiper-consciente da bela criatura que eu tinha diante de mim, e que tinha feito uma mulher gemer de prazer na noite passada.

O Deacon encaminhou-se para a ponta do quarto. Fiquei a admirá-lo enquanto ele olhava para as fotografias que eu tinha expostas nas prateleiras. A maioria era da Sunny, mas ele pegou numa moldura que continha uma fotografia minha. Preparei-me para o que viria aí enquanto o olhar dele alternava entre mim e a fotografia.

— Dançavas ballet?

Assenti com a cabeça.

— Sim. Há... muitos anos. Como é óbvio, já não danço.

— Profissionalmente?

— Sim. Dancei na companhia The Manhattan Ballet como bailarina principal.

Se antes eu achava que o olhar dele era invasivo, nada se comparava à forma como ele agora me observava.

— Uau. — Ele voltou a olhar para a fotografia, na qual eu fazia o arabesco. Observou-a durante mais tempo do que seria confortável para mim. — Porque é que paraste?

Engoli em seco. Não me sentia preparada para ter esta conversa.

— Lesionei-me e fui obrigada a retirar-me. — Proferir aquelas palavras provocou-me um sabor amargo na boca.

Ele pareceu ficar imóvel, quase como se estivesse devastado por saber o que me tinha acontecido.

— Lamento. Deve ter sido um momento difícil.

— Não foi fácil.

O Deacon fitou-me e, a cada segundo que passava, eu sentia-me um pouco mais nua.

— Foi a situação mais difícil da minha vida até àquele momento — admiti, por fim.

— O que fizeste... depois? Quando não podias continuar a dançar?

— Trabalhei nos bastidores da companhia durante uns anos.

— E o que é que aconteceu?

Encolhi os ombros.

— Aconteceu a Sunny.

— Ah. — Ele suspirou e voltou a pousar a moldura na estante. — Claro.

O facto de ele parecer genuinamente interessado fez-me desaba-far um pouco mais.

— Quer dizer, o nascimento da Sunny é a versão resumida. A versão mais longa é que me envolvi com o diretor da companhia de ballet. O Charles é o filho do dono. Ele tem aquele cargo por uma questão de nepotismo. Estava divorciado da mulher quando eu trabalhava com ele. E deixou-me para voltar para ela, mas só depois de eu engravidar.

— Merda — disse o Deacon, avançando uns passos na minha direção.

— Sim — concordei, soltando um suspiro. — Nada mudou entre nós quando descobrimos que eu estava grávida. E, para ser sincera, eu não o teria aceitado de volta por causa da gravidez. Ele já tinha dois filhos e, embora ele tenha contado à ex-mulher, que agora é novamente mulher dele, sobre a Sunny, optou por não contar aos filhos sobre a meia-irmã. E pediu-me para não incluir o nome dele na certidão de nascimento.

— Ele não lhe dá dinheiro nenhum?

— Dá-me dinheiro por baixo da mesa. É uma ninharia, mas ajuda. Eu aceito porque não estou disposta a deixar que o orgulho interfira na educação da minha filha.

— Ele é um idiota por não assumir as suas responsabilidades.

— Para ser sincera, prefiro que ele não faça parte da vida dela neste momento. Pior do que não ter um pai presente é sentir-se rejeitada pelo pai que se vê de vez em quando.

Ele perscrutou-me os olhos.

— Parece que falas por experiência própria.

Sem que eu desse por isso, este café tinha-se transformado numa sessão de terapia. O Deacon tinha um talento qualquer que me fazia sentir como se pudesse contar-lhe tudo sem julgamento da sua parte.

— Tens razão — disse. — O meu pai não esteve presente. — Abanei a cabeça e baixei o olhar. — Mas não vale a pena entrar em detalhes sobre a história da minha vida. Ofereceste-te para ir buscar café. Isto já vai além do que esperavas.

— Estás a gozar? Sou eu que estou a fazer as perguntas. Desculpa se estou a ser intrometido. — Ele bebeu um gole. — De qualquer forma, se me é permitido dizer, sempre senti curiosidade em relação a ti, mais precisamente sobre o que aconteceu com o pai da tua filha. Eu sei que não me diz respeito, mas sempre me questioneei.

Suspirei.

— Pronto, agora já sabes.

— Sim — respondeu ele com um sorriso.

Uma vez que parecia que ele não iria fazer mais perguntas, decidi perguntar-lhe uma coisa que *me* andava a deixar curiosa.

— E tu? Qual é a *tua* história de vida, Deacon? És de Nova Iorque?

— Por acaso, não. Nasci no Minnesota. Vim da Califórnia para Nova Iorque há uns anos porque queria mudar de vida. Mas posso trabalhar a partir de qualquer lugar.

— Qual é o teu trabalho?

— Crio jogos interativos para uma empresa localizada na Ásia.

— Parece muito fixe!

— Nunca pensei que seguiria esta carreira, mas até é divertida. A nossa aplicação é bastante popular e vende bem. E isso dá-me um pouco de estabilidade profissional num setor que é algo imprevisível.

— Então nunca és obrigado a trabalhar num escritório?

— Trabalho a partir de casa na maioria do tempo. Só de vez em quando é que sou obrigado a ir ao escritório de Nova Iorque da minha empresa para comparecer em reuniões. A sede fica no Japão.

— Não é nada mau.

— Pois não. Mas, às vezes, é difícil concentrarmo-nos em casa. Eu distraio-me muito.

— Pois. Acho que já ouvi uma dessas distrações numa destas tardes. — Pisquei-lhe o olho.

— Au — brincou ele, com um sorriso. — E eu a pensar que tinha feito um bom trabalho para te fazer esquecer da impressão inicial que tiveste de mim. — Ele formou a letra L de *loser*¹ com os dedos e encostou-os à testa. — Falhei redondamente.

Soltei uma gargalhada.

— Estava só provocar-te. — Era surpreendente a rapidez com que eu me sentira confortável ao pé dele. Eu gostava da companhia dele.

— Enfim. A vantagem de trabalhar remotamente é que posso trabalhar no horário que me der mais jeito. Por isso, se estiver na brincadeira durante o dia, posso adiantar trabalho à noite.

— É ótimo ter um trabalho com essa flexibilidade. Estou a tentar arranjar um trabalho desses neste momento. Conheces alguém que esteja a contratar?

— Não que me lembre, mas posso andar atento. Que tipo de trabalho procuras?

— A minha experiência profissional é sobretudo administrativa. Talvez uma assistente virtual? Mas estou recetiva a outro tipo de trabalhos. Tenho uma licenciatura em Estudos Gerais, mas passei tantos anos focada no ballet que o meu currículo é limitado, além dos anos em que trabalhei nos bastidores. Durante muito tempo assumi que o ballet seria a minha carreira.

— Claro. — Ele acenou com a cabeça. — Faz sentido.

¹ «Falhado», em português [N. T.]

Pus-me a remexer na palhinha verde que vinha com o meu *latte*.

— Foi bom estar uns tempos sem trabalhar. Ao início, eu tencionava ficar em casa com a Sunny, mas acho que seria benéfico para a minha saúde mental sair de vez em quando ou encontrar alguma coisa que pudesse fazer a partir de casa. É difícil encontrar a situação perfeita. Mas não quero deixá-la sozinha cinco dias por semana.

O Deacon deixou escapar um suspiro de frustração, aparentemente assoberbado.

— Um filho muda tudo, não é?

— Sim. Muda mesmo. Estes seis meses passaram a correr. Sinto que tenho estado no meu mundo. Mas não o trocava por nada. A minha filha é tudo para mim.

— Bem, só para que saibas, do pouco que vi, acho que estás a fazer um ótimo trabalho. Ela parece uma bebé feliz. És uma boa mãe.

As palavras dele fizeram o meu coração palpitar. Acho que nunca ninguém mo tinha dito antes. E por mais que eu soubesse que estava a dar o meu melhor todos os dias, era agradável ouvir alguém reconhecer isso.

— Obrigada, Deacon. És muito querido.

— Não é algo que ouça com frequência, mas tudo bem.

Entreolhámo-nos. Depois ele baixou subitamente o olhar para o telemóvel.

— Bem, vou deixar-te aproveitar os últimos minutos de sossego antes de ela acordar.

Senti vontade de dizer-lhe que não precisava de ir embora. Em vez disso, disse:

— Fico contente que hoje tenhas tido a oportunidade de me conhecer um pouco melhor, para que saibas que sou mais do que a vizinha rabugenta e empata-fodas.

— E espero que me vejas como mais do que o vizinho mulhengenho da casa ao lado.

— Ainda não estamos nesse ponto. — Pisquei-lhe o olho. — Mas havemos de lá chegar.

Ele riu-se baixinho.

— Fica bem, Carys. E se precisares de alguma coisa do mundo exterior, basta dizeres.

Arqueei a sobancelha.

— Dizer o quê?

Ele coçou o queixo.

— Basta dizeres... *bolas de macaco*.

Soltei uma gargalhada.

— Ah. Escolha perfeita.

Quando ele começou a dirigir-se a sua casa, gritei:

— Obrigada mais uma vez pelas fraldas e pelo café.

Ele virou-se de frente para mim, caminhando para trás e esboçando um lindo sorriso que fez o meu coração derreter-se um pouco.

— Fraldas e café. Acho que nunca me agradeceram por isso antes. — Piscou-me o olho. — O prazer foi meu.

Depois de fechar a porta, encostei-me a ela e dei por mim meio embevecida.

A sério, Carys? És patética.

Nem vás por aí. Nunca na vida ele queria meter-se numa embrulhada destas. Só mesmo o meu coração carente é que interpretaria o gesto de simpatia de um homem como o começo de um romance irrealista.

Depois de acabar o café, abri o saco que ele tinha trazido.

Havia mais do que uma embalagem de fraldas da *Luv* lá dentro do saco. Ele tinha comprado um peluche da Porquinha Peppa. E uns tampões de ouvidos.

2

Carys

Encantador de Bebés

Algumas semanas mais tarde, a Sunny tinha uma consulta de pediatria na Baixa ao final da tarde. Uma vez que íamos sair de qualquer forma, levei-a a conhecer a minha amiga Simone e fomos jantar a um restaurante que ficava perto do consultório.

— Como correu a consulta dela? — perguntou a Simone enquanto folheava a ementa plastificada que incluía os pratos do dia.

— A consulta dos seis meses correu lindamente. O médico diz que ela está com o peso adequado para a idade.

— Fico muito contente. — Ergueu o olhar da ementa. — E como estás tu?

Parei e, por momentos, questionei-me como deveria responder àquela pergunta.

— Bem... bem.

Não valia a pena queixar-me dos problemas do dia a dia. Eu e a Simone estávamos em fases diferentes da vida e, provavelmente, ela não compreenderia. A Simone era uma das principais bailarinas da cidade e estava a viver o que eu viveria se não me tivesse lesionado: uma dançarina de elite, a atuar todas as noites, a dormir na maior parte das manhãs e a ensaiar de tarde, além de ter uma vida social ativa. De muitas formas, eu vivia indiretamente através dela. Por isso, em vez de admitir que na maioria dos dias me sentia sozinha

ou preocupada com as minhas finanças, limitei-me a responder que estava *bem*.

— Tens tratado de ti? — perguntou ela.

— Como assim... se tenho cuidado de mim própria?

— Sim. Se tens tirado algum tempo para ti.

Olhei para a Sunny, que estava sentada numa cadeira de refeição. As suas bochechas estavam coradas, provavelmente da vacina que tinha acabado de receber. O médico tinha-me avisado de que ela poderia ficar um pouco febril.

Encostei a mão à testa dela.

— Eu descanso quando ela descansa, mas não tenho tido grandes hipóteses de sair, para receber uma massagem ou uma treta qualquer do género. Simplesmente não há tempo.

A nossa comida chegou e a Simone interrompeu as perguntas para nos servirmos dos hambúrgueres e das batatas fritas.

— Estás a pensar em voltar a trabalhar? — perguntou ela.

Limpei o ketchup do canto da boca e respondi.

— Se conseguir encontrar alguém de confiança para tomar conta da Sunny. Mas aí teria de pesar os prós e os contras.

— É uma pena a tua mãe não viver mais perto.

Que piada.

— Não sei se ela daria conta do recado.

Adorava a minha mãe, mas ela não era capaz de tomar conta da Sunny. Ela tivera-me a mim e ao meu irmão quando era bastante nova e dissera-me que estava farta de cuidar de crianças e que estava na altura de desfrutar da vida. Mudou-se de Nova Jérсия, a cidade onde cresci, para a Florida há uns anos. Ela fincou bastante a sua posição das poucas vezes em que lhe dei a entender que gostaria que ela nos visitasse mais vezes.

A Simone deu um ligeiro pulo no banco, como se tivesse tido uma epifania.

— A Cynthia disse-me que andavam à procura de um novo relações-públicas. Talvez tenha pensado em ti. Quer dizer, tu conheces

a indústria do ballet de trás para a frente. És bonita, quando não estás vestida à mãezinha, e és sociável. Aposto que podias fazer grande parte do trabalho a partir de casa, como, por exemplo, escrever os comunicados de imprensa e assim. Provavelmente só terias de ir ao escritório de vez em quando ou comparecer em eventos especiais.

A Simone não trabalhava na companhia de ballet onde eu estivera. Embora nunca me tivesse passado pela cabeça voltar a trabalhar na minha antiga companhia — uma vez que o pai ausente da Sunny continuava a ser o diretor —, um emprego numa companhia da concorrência seria ideal.

Fiquei animada quando ouvi a sugestão dela.

— A sério? Achas que ela me iria considerar?

— Ela está sempre a dizer o quanto te admira. E não me interpretes mal, mas já dissemos que era uma pena teres-te lesionado quando estavas no topo da tua carreira. És lendária de várias formas. Toda a gente se questiona o que teria acontecido se a Carys Kincaid não tivesse arrumado as botas.

Senti aquelas palavras no fundo da minha alma. A agonia de nunca ter conseguido voltar a dançar profissionalmente era um sentimento que eu tentava reprimir.

— Preferia continuar a dançar a ser uma lenda, mas é bom saber que sou respeitada postumamente.

— Postumamente? Não morreste, Carys!

— Eu sei, mas é como se estivesse morta para o mundo do ballet.

— Encara as coisas desta forma, se não tivesses tido o acidente, ainda estarias a dançar, mas nunca te terias aproximado do Charles e a Sunny nunca teria nascido. Por muito que odiemos o Charles, ele trouxe-te a Sunny. Tudo acontece por um motivo.

— Claro que não me arrependo de ela ter nascido, por isso tens razão.

Olhei para a minha filha. A Sunny sorriu como se conseguisse perceber que estávamos a falar sobre ela. Adorava a carinha de

abóbora dela. Trazia na mão a Porquinha Peppa que o Deacon lhe comprara no supermercado e acenou com ela.

— Que peluche tão giro — disse a Simone.

— Foi o meu vizinho que lho ofereceu.

— A velhota que vive na outra ponta do corredor?

— Não. Não foi a maluca da Sra. Winsbanger. O rapaz que vive no 5.º B.

Ela arregalou os olhos.

— O jeitoso que vimos a sair de lá da última vez que te fui visitar?

— Sim. O Deacon.

— *Ele* comprou-lhe um brinquedo?

Assenti.

— Há umas semanas, ele foi comprar-me alguns artigos ao supermercado e ofereceu-lhe o peluche como surpresa. E isso foi *depois* de eu o repreender por ter feito sexo barulhento na noite anterior.

A Simone pôs a mão à frente da boca.

— Oh, merda. Reprendeste-o?

— Sim. Foi uma conversa um pouco constrangedora, mas ele aceitou bastante bem quando eu lhe pedi que fizesse menos barulho.

Ela recostou-se na cadeira e cruzou os braços.

— Aposto que há uma forma de contornar esse probleminha.

— Qual?

— Ele pode mudar o cenário... para o *teu* lado da parede, percebes? — Ela piscou-me o olho. — Não te podes queixar se também fores metida ao barulho.

— Muito engraçadinha. — Ignorei a piada dela, mas senti as entranhas a arder. Não é que essa ideia não me tivesse passado pela cabeça. Antes que eu pudesse explicar o motivo pelo qual essa ideia era inconcebível, ela levantou-se.

— Tenho de ir. Tenho um encontro esta noite e tenho de me preparar. Eu falo com a Cynthia sobre a vaga de relações-públicas e digo-te alguma coisa, está bem?

Isso deixava-me tão ansiosa quanto entusiasmada.

— Obrigada. Agradeço-te muito. — Levantei-me para a abraçar e fiquei a vê-la depositar um beijo na cabeça da minha filha.

Depois de a Simone se ir embora, dei à Sunny uns boiões de comida de bebé.

Mais tarde, enquanto a preparava para sairmos, falei com ela como de costume, apesar de ela não conseguir responder.

— Que achas? Achavas bem se eu voltasse a trabalhar? Não te quero deixar, mas também quero cuidar de nós.

Ela arrulhou e eu beijei-lhe a testa.

— Vamos arranjar uma solução, não vamos? Arranjamos sempre.



Nessa noite, quando eu a Sunny chegámos ao nosso prédio, cruzámo-nos com o Deacon e uma «amiga», uma ruiva ferosa. Eles vinham da outra ponta do prédio. Questionei-me se seria a mesma pessoa que dormiu com ele há duas semanas.

Quando o Deacon me viu, levantou a mão.

— Olá, Carys.

— Olá! — Parei o carrinho em frente à entrada.

— Deixem-me abrir a porta para vocês entrarem — disse ele.

O Deacon segurou a porta enquanto eu empurrava o carrinho da Sunny. Normalmente, tinha de dobrar o carrinho e carregá-lo até ao segundo andar, enquanto segurava a bebé com o outro braço. Mas, assim que peguei na bebé, o Deacon fechou o carrinho e levou-o pelas escadas acima, enquanto a sua acompanhante nos seguia em silêncio.

— Obrigada pela ajuda — disse eu, num tom de voz que ecoou pelas escadas.

— Sem problema — respondeu ele com um sorriso. Quando chegámos ao nosso andar, ele disse, por fim: — Esta é a Kendra.

— É um prazer conhecer-te — disse eu, sentindo-me imediatamente com ciúmes. Não devia ter-me sentido assim, mas diria que tinha um fraquinho por este rapaz.

— Prazer em conhecer-te — disse a Kendra. — A tua filha é linda.
— Obrigada.

Quando chegámos às nossas respetivas portas, o Deacon encostou o carrinho ao lado da porta do meu apartamento. Só aí é que ele reparou no brinquedo que a Sunny trazia na mão.

— Ela gosta da porca, estou a ver.

— Sim — assenti, com um sorriso. — Foi uma boa escolha.
Obrigada.

A Kendra virou-se para ele e murmurou:

— Oh... Compraste-lhe o peluche? Que querido.

— Pois foi — disse. — E ajudou a acalmá-la hoje.

— O que aconteceu hoje? — perguntou o Deacon, com um ar preocupado.

— Ela teve uma consulta.

Ele semicerrou os olhos.

— Então? Ela está doente?

— Era só uma consulta de rotina.

— E está tudo bem?

— Sim. Obrigada por perguntares. Teve de tomar uma vacina, o que é sempre um momento de tensão. Mas correu tudo bem.

— Fico contente por saber — respondeu ele com um sorriso.

— Tenham uma boa noite. Vamos passar um serão *tranquilo* dentro de casa. — Ele piscou-me o olho. — Talvez joguemos um pouco de *Parcheesi*.

— Ah... divirtam-se. Eu agora tenho tampões, caso o vosso jogo de *Parcheesi* se torne turbulento.

Ele soltou uma gargalhada.

— Tem uma boa noite, Carys.

— Tu também. — Acenei à Kendra. — Prazer em conhecer-te.

— Igualmente. — Ela sorriu.

Engoli os ciúmes enquanto desaparecia para dentro de casa.



Mais tarde nessa noite, a Sunny estava inconsolável. Não parava de chorar e eu odiei-me por a ter deixado levar a vacina hoje. Liguei para o número de assistência médica e eles disseram-me que a febre era normal dadas as circunstâncias e que não havia necessidade de levá-la às urgências. Mandaram-me controlá-la e certificar-me de que ela bebia líquidos suficientes.

Tinha-a trazido para o meu quarto porque não conseguia deixá-la sozinha naquele estado. Pensei que pegar nela ao colo ajudasse, mas não parecia fazer grande diferença. Tê-la colo só me fazia sentir melhor a *mim*.

Ela continuou a chorar enquanto eu a embalava de um lado para o outro. Nunca a tinha visto assim.

Apercebi-me de que tinham batido à porta, mas mal ouvi porque ela estava a chorar.

Merda. Ter-se-iam os vizinhos queixado? Não estava para lidar com a fúria de outras pessoas.

Encaminhei-me para a porta e espirei pelo óculo.

Era o Deacon. Lembrei-me de que ele tinha convidado aquela rapariga para casa dele, por isso retraí-me. Os papéis tinham-se invertido. Agora éramos nós a perturbar a paz *dele*.

Quando abri a porta, comecei a balbuciar antes de ele ter a oportunidade de dizer alguma coisa.

— Eu sei que te estamos a incomodar, mas não consigo fazer com que ela pare de chorar. Peço desculpa. Penso que ela ficou com febre por causa da vacina e não há nada que eu possa fazer. Por isso, se te vais queixar como eu fiz contigo, isso seria mais do que justo, mas não há nada que eu possa fazer em relação a isso, por isso...

— Carys, tem calma. Não há problema — disse ele, pousando as mãos nos meus ombros.

Aquele contacto inesperado provocou-me uma espécie de corrente elétrica pelo corpo e eu calei-me. Deixei escapar um longo suspiro.

— Não me consigo acalmar. A minha bebé está a sofrer.

— Não vim cá para me queixar. Nunca faria uma coisa dessas. Ela não tem culpa nenhuma.

— Então porque é que estás aqui?

— Queria ter a certeza de que estás bem.

Senti-me enternecida, mas evitei demonstrá-lo.

— Não precisas vir verificar se eu estou bem, Deacon.

— Eu sei disso, mas queria fazê-lo. Provavelmente não há nada que eu possa fazer, mas não consigo ouvir uma bebé a chorar durante duas horas seguidas e não oferecer ajuda.

Só aí é que me apercebi de que o Deacon tinha deixado a rapariga para vir cá. A *Kendra*.

— Onde está a *Kendra*?

— Voltou para casa dela.

— Ela foi-se embora por causa do barulho?

— Ela... tinha de levantar-se cedo amanhã para ir trabalhar, por isso foi para casa dormir.

— A *Sunny* estragou-te o esquema esta noite. Desculpa.

Na verdade, não lamentava nada. Ele descartou o meu comentário com um aceno de mão.

— Não há problema.

— Quando isto acabar, podes vingar-te de mim fazendo sexo barulhento com uma mulher qualquer.

Esperava que ele se risse, mas, em vez disso, olhou-me com um ar preocupado. De imediato, desejei poder retirar a piada que fiz.

— Tentaste dar-lhe um banho frio? Não sou nenhum especialista, mas isso não diminuiria a febre? Lembro-me de a minha mãe fazer isso com o meu irmão quando ele era pequeno e tinha febre.

Parecia tão óbvio, mas não me tinha ocorrido, nem às malditas enfermeiras com quem tinha falado.

— Sabes que mais? É uma boa ideia. Acho que vou preparar-lhe um banho agora mesmo. Importas-te de pegar nela enquanto vou à casa de banho preparar-lhe o banho?

O Deacon olhou em redor da sala com um ar ansioso. Estaria ele a tentar arranjar um motivo para eu não a deixar com ele?

— Hum... claro — disse, por fim.

Entreguei-lhe a Sunny e fiquei a admirá-lo durante alguns segundos. Era uma imagem adorável ver o Deacon com ela ao colo, a embalá-la suavemente para cima e para baixo.

Dirigi-me apressadamente à casa de banho, pois não queria stressá-lo demasiado. Já lhe tinha estragado a noite. Abri a torneira da banheira, verifiquei a temperatura da água, pois queria que estivesse fria, mas não gelada. Quando finalmente desliguei a torneira, reparei numa coisa estranha: silêncio.

Pela primeira vez em toda a noite, a Sunny não estava a chorar. O meu primeiro instinto foi entrar em pânico. *Teria ela desmaiado?*

Corri novamente para a sala de estar, mas antes de conseguir proferir uma palavra, o Deacon levou o dedo indicador à boca.

— Ela acabou de adormecer — sussurrou ele.

Ainda assim, eu continuava preocupada.

— Tens a certeza de que ela está a respirar?

— Absoluta. Consigo sentir e ouvir. — Balançou-a de um lado para o outro. — Tenho receio de parar este movimento porque foi assim que consegui adormecê-la.

Senti que os meus ovários estavam prestes a explodir ao vê-lo embalá-la para trás e para a frente. Este homem já era sensual quando *não* tinha um bebé nos braços. Agora? Estava ainda mais.

— Não percebo porque não consegui adormecê-la e depois tu pegas nela durante cinco minutos e...

— Também não percebo. — Ele baixou o olhar para ela e disse: — Mas tenho de ser sincero. Fiquei logo com vontade de dar à sola quando me pediste para pegar nela. Mas ela facilitou-me a tarefa. — O Deacon encolheu os ombros. — Não me saí nada mal para a primeira vez que pego num bebé, pois não?

Fiquei boquiaberta.

— Nunca pegaste num bebé? Estás a gozar comigo.

— Não. — Ele soltou uma gargalhada.

— Vá-se lá entender.

Ela parecia tão confortável nos braços grandes dele. Não admirava que tivesse adormecido. Devia assemelhar-se a estar deitado numa cama enorme e quente ao invés da habitual cama desmontável com molas que magoam.

— Acho que não há problema se parares de a embalar. Normalmente, ela não acorda depois de adormecer.

Ele falou num tom de voz baixo.

— É melhor deitá-la?

Eu estava tão deliciada a vê-lo a segurá-la ao colo que não tinha coragem de o sugerir.

— Vamos tentar pô-la no berço.

O Deacon seguiu-me até ao quarto da Sunny. Deitou-a delicadamente em cima do colchão e, no início, parecia estar a correr bem.

Começámos a sair do quarto em bicos de pés até que ouvimos um movimento.

Merda!

E ela recomeçou a chorar.

— Caraças — gemeu ele. — Pensei que tinha tido cuidado.

— E tiveste. A culpa não foi tua. Ela pressentiu, sabe-se lá como. Já me aconteceu a mesma coisa. Ela deve estar hipersensível esta noite por estar doente.

Entrei no quarto para pegar nela, mas, uma vez mais, ela não parava de chorar, à semelhança do que tinha acontecido antes.

— Será melhor tentar embalá-la outra vez? — perguntou ele.

— Não te posso pedir que faças isso. Isto não é um...

— Não há problema, Carys. A sério.

O Deacon estendeu os braços e eu voltei a colocá-la nos braços dele. Ele regressou à sala de estar e, desta vez, sentou-se na ponta do sofá, continuando a embalá-la.

Aos poucos, nos minutos que se seguiram, o choro dela abrandou até parar por completo. A Sunny voltou a adormecer na cama gigante.

Abanei a cabeça, espantada.

— Ela gosta mesmo de estar nos teus braços.

Ele baixou o olhar para ela com um sorriso.

— Se houver alguma coisa que queiras ir fazer, vai. Acho que tão cedo não me vou levantar.

— Não podes ficar aí sentado com ela a noite toda.

— Porque não?

— Porque já é tarde. Não precisas de dormir?

— O sono é sobrevalorizado. Além disso, não te esqueças de que eu trabalho em casa, por isso posso dormir até mais tarde amanhã e trabalhar depois.

Eu precisava desesperadamente de tomar um duche, pois tinha passado a noite toda a suar com os nervos. Normalmente, tomava banho todas as noites antes de me deitar, mas, uma vez que a Sunny estava doente, não tive oportunidade de o fazer. *Seria mau da minha parte aceitar a proposta dele?* Detestava que as pessoas tivessem pena de mim, mas se ele não tinha nenhum plano para as próximas horas, porque não aproveitar a oferta dele?

— Vou só tomar um duche rápido, se não te importares.

— Demora o tempo que precisares. Não precisas de ter pressa. Eu fico aqui.

Apesar das suas palavras, não consegui relaxar. Por isso, lavei rapidamente o cabelo e esfreguei o sabonete pelo corpo. No entanto, demorei algum tempo a escovar bem o cabelo molhado e coloquei um pouco de corretor debaixo dos olhos para me livrar das olheiras. Queria estar bonita ao pé do Deacon, mesmo que me custasse admiti-lo, e mesmo que nada acontecesse entre nós. Eu tinha um homem muitíssimo atraente no meu apartamento e, se tinha a oportunidade de estar minimamente apresentável, iria aproveitá-la. Não era como se estivesse a contar com a visita dele esta noite.

Antes de regressar à sala de estar, espreitei pela porta do quarto para poder desfrutar em condições da imagem do Deacon a segurar na Sunny sem que ele reparasse no meu ar de embevecida.

ELE É UM HOMEM CHEIO DE QUALIDADES. MAS É COMPLETAMENTE ERRADO PARA MIM.

O meu vizinho Deacon é um homem extremamente atraente, e sabe-o bem. Por isso, não é de estranhar que o seu apartamento se encha de gemidos deliciosos que denotam noites de grande entusiasmo com as companhias femininas que leva para casa. O problema é que a fina espessura das paredes que dividem os nossos tetos me obriga a estar demasiado a par dos seus relacionamentos, mantendo-me acordada e com a imaginação sempre a funcionar... Afinal, a minha vida amorosa é praticamente inexistente desde o nascimento da minha filha, o maior amor da minha vida.

Certo dia, depois de uma noite mal dormida devido à atividade noturna do Deacon, enchi-me de coragem e pedi-lhe que tentasse ser mais discreto. Para minha surpresa, ele não só compreendeu o meu problema, como afirmou que iria mudar a cama de sítio. E para mostrar como era bom vizinho, até se ofereceu para fazer umas compras por mim.

A partir desse dia, a nossa relação mudou. O Deacon tornou-se um bom amigo, sempre pronto a ajudar, e eu descobri que ele tinha jeito para acalmar a minha bebé nas crises de choro. Não fosse o facto de não querer assumir compromissos, ele podia ser o homem perfeito. Mas era exatamente o oposto.

Não perca também,
da mesma autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895831630



9 789895 831630 >